

Encontro: "analogias das linguagens"

Robion, agosto de 1981.

A próxima Bienal de São Paulo contera sessão dedicada ao tema epigrafado: analogias das linguagens. Participarei dos trabalhos de tal sessão, enquanto convidado para dar conferências, e enquanto um dos seus animadores. Convidei dois artistas franceses, Louis Béc e Herve Fischer, para contribuírem com sua obra e com sua reflexão teórica ao diálogo em torno do tema, em São Paulo durante o mês de outubro. Mas, afim de aprofundar e ampliar a temática, julguei oportuno organizar um encontro informal com artistas, cientistas e críticos na aldeia provençal na qual sere. Tal encontro se quer "laboratório de ideias" e visa duas metas distintas: (1) preparar um "dossier" de sugestões a ser discutido na Bienal de São Paulo, e (2) estudar a possibilidade de encontros semelhantes nos verões europeus dos anos pares, isto é: nos intervalos das Bienais paulistas, espécie de suporte teórico as mostras subsequentes.

A abertura do encontro se dará dia 2 de agosto, e preparei o seguinte breve discurso para inaugura-lo. Creio que sua divulgação em São Paulo podera interessar os que se engajem, ativa- ou passivamente, na Bienal, e os que se sentem desafiados pelo tema e ser dialogado.

"Gostaria enquadrar o nosso encontro no seu contexto histórico e geográfico, afim de transmitir-lhe a sensação de urgência que ressinto. Possivelmente o momento presente seja excepcional e passageiro. Ouero dizer que possivelmente não se repetirão momentos aptos a proporcionar campo para reflexões com espírito calmo e em clima de liberdade. Eventos em regiões críticas que constroam uma das superpotências, a Rússia, (Polónia, Afeganistão, Iran), em vastas regiões do Terceiro mundo, e no subsolo das próprias sociedades ditas des-envolvidas, parecem querer sugerir que não nos sere permitido por longo tempo tomarmos o recuo necessário para contemplar criticamente a cena. Por outro lado a extraordinária abertura existencial que acompanha a recente modificação política na França, e a qual inegavelmente esta adubando nosso encontro, podera não persistir por muito tempo, dadas as ameaças económicas internas e externas que pesam sobre a experiência em empreendimento. Devemos pois aproveitar ao máximo o lugar e o momento.

Mas ha outro tipo de consideração ainda, que confere ao nosso encontro urgência desusitada. Considerações a prazo médio, não o curto. Parece que, pela primeira vez, o trabalho enquanto modificação do mundo objetivo está deixando de ocupar o posto central de atenção vital do homem. As máquinas vão, desta vez efetivamente, substituir o homem em gama crescente de trabalhos. O trabalho ocupara tempo progressivamente mais reduzido na vida quotidiana, e, passado um ponto crítico, não mais concentrara sobre si as intencões realizadoras do homem. A semana mais curta de trabalho, as férias prolongadas, e aposentadoria precoce, e a extensão do período escolar são disto sintomas.

Pois isto evacuará necessariamente os objetos manipulados, (as "obras"), de seu valor existencial: os objetos ficarão sempre mais banais, e, malgrado todas as inflações, sempre mais baratos. O interesse da humanidade se desviara

dos objetos, da sua posse e do seu consumo. E podemos observar, desde já, em que direção o interesse vital se transportará: na da informação. A futura sociedade consumirá informações em quantidades e variedades por ora inimagináveis. Ora, se o desejo do objeto for substituído pelo desejo da informação, o problema do qual trataremos neste encontro, e das analogias das linguagens, passará a ser um dos problemas centrais da vida quotidiana.

Darei um único exemplo do que tenho em mente. A língua falada e escrita era, e continua sendo, o código preferencial na transmissão das mensagens que nos informam a respeito do mundo e da nossa posição nele. Mas há indícios que tal papel preponderante da língua vai sendo desafiado de dois lados opostos: por parte das linguagens dos computadores, que desde já armazenam parte apreciável das informações disponíveis, e por parte das imagens técnicas, (fotografias, TV, filmes, vídeos), as quais desde já transportam o grosso das informações que nos são dadas. Ora, se a língua falada e escrita for substituída, ou mesmo apenas limitada, por estes códigos novos, a estrutura da sociedade será revolucionariamente modificada de maneira apenas suspeitável.

A nação, e o Estado nacional, são estruturas fundadas sobre determinadas línguas faladas. Tais estruturas se tornarão inoperantes em situação na qual a língua não mais codifica as informações decisivas. O pensamento linear, histórico, conceitual, calculador, o qual caracteriza nossa sociedade, se fundamenta sobre a estrutura linear da língua falada. Tal pensamento será desafiado por outro, mais concordante com os códigos novos: pelo pensamento em mosaico, combinador, conatural das linguagens do computador, e pelo pensamento imaginístico, mágico, conatural das techno-imagens. Se não mais importará tanto modificar objetos em base de teorias científicas ou outras, as quais são discursos linguísticos lineares, e importará mais manipular informações armazenadas em memórias artificiais, (computadores, fitas magnéticas, filmicas ou outras), a base mesma da economia, seja ela capitalista ou não, sofrerá transformações por ora impensáveis.

O único exemplo, e da língua sendo substituída por outros códigos enquanto código dominante, basta para ilustrar o que tenho em mente. E que o problema do qual trataremos aqui, longe de ser abstrato, fere o núcleo mesmo da nossa situação atual. Estejamos conscientes disto.

O futuro imediato e um pouco mais recuado está repleto de ameaças e de promessas, ambas inimaginavelmente fortes. Dou-lhes as minhas bem-vindas sob tal constelação desafiante. Que procuremos fazer face, nas nossas reflexões, e aventura que desponta no horizonte."